

**Aryon Dall'Igna Rodrigues**  
(*Laboratório de Línguas Indígenas-UNB*)

## **Sobre a possível origem da diferença fonética entre a fala masculina e a feminina em Karajá**

### **RESUMO**

Este trabalho discute a hipótese, aventada em trabalho anterior do mesmo autor (Rodrigues 1999), de que a origem da diferenciação entre fala masculina e fala feminina, no Karajá, deve-se a uma interferência de falantes da língua Xavante (família Jê). O exame da documentação mais antiga sobre as duas línguas em questão, nos registros da primeira metade do século XIX, trazem algum problema para a hipótese em questão, mas neste texto propõe-se uma explicação que mantém a hipótese da interferência, relacionando Karajá com o Xavante atual.

**PALAVRAS-CHAVE** Karajá; Fala Masculina; Fala Feminina

### **RESUMEN**

Este texto discute una hipótesis, presentada en trabajo previo del mismo autor (Rodrigues 1999), en que se dice que la diferenciación entre el habla masculina y habla femenina, en Karajá, tiene origen en una interferencia de hablantes de lengua Xavante (familia Jê). El examen de la documentación más antigua en los dos idiomas, Karajá y Xavante, en registros de la primera mitad del siglo XIX, trae problemas para dicha interpretación, pero en este texto se considera una explicación que mantiene la hipótesis de la interferencia, relacionando la lengua Karajá con el Xavante actual.

**Palabras llave** Karajá; Habla Masculina; Habla Femenina.

A língua Karajá (família Karajá, tronco Macro-Jê), falada ao longo do rio Araguaia, principalmente na Ilha do Bananal, apresenta uma situação única entre as línguas indígenas do Brasil, a qual consiste no fato de que a fala dos homens se distingue fonologicamente da fala das mulheres por omitir sistematicamente as consoantes *k* e *tj*<sup>1</sup>, presentes nesta última, como nas seguintes palavras (Borges 1997, passim):

---

<sup>1</sup> Na verdade, apenas as ocorrências de *tj* após *i* são omitidas na fala masculina. Isso se deve a que, nessa fala, a seqüência *itj* é, em grande parte dos casos, uma modificação (palatalização) relativamente recente da seqüência *ik*. Essa modificação deve ter-se dado depois que já estava estabelecida a diferença da fala masculina. Assim, a forma masculina *riore* 'filho' não se derivou imediatamente da atual feminina *ritʃore*, mas de uma precedente *\*rikore*. Há, entretanto, alguns casos de *itj* comuns às duas falas, os quais provavelmente não provêm de *ik*.

	Fala feminina	Fala masculina
<i>vento</i>	kɪhi	ɪhi
<i>quatro</i>	inabubikɔwa	inabubiɔwa
<i>jacaré</i>	kɔɾɛra	ɔɾɛra
<i>meu filho</i>	waritʃɔɾɛ	wariɔɾɛ
<i>caminharei</i>	karitʃakɾɛ	ariakɾɛ

Essa diferença afeta praticamente todo o vocabulário do Karajá, especialmente os radicais nominais e verbais. Afeta também as palavras tomadas de empréstimo ao Português e já bem incorporadas ao Karajá, como as seguintes (Borges 1997, *passim*):

	Fala feminina	Fala masculina
<i>cavalo</i>	kawaru	awaru
<i>café</i>	kabe	abe
<i>comprar</i>	-kɔbra-	-ɔbra-
<i>prego</i>	bɾɛku	bɾɛu

Um problema que põe essa diferenciação sistemática entre a fala dos homens e a das mulheres é o da sua origem. Em que situação de uso da língua poderia ter-se iniciado esse processo? Recentemente apresentei (Rodrigues 1999:177-178) uma hipótese que toma em consideração não só os fatos da língua Karajá, mas também uma possível interferência de outro povo indígena e sua respectiva língua. É possível que no passado uma comunidade Karajá tenha sido atacada e dominada por guerreiros que falavam outra língua, digamos uma língua que não tivesse o som k em seu sistema fonológico. Esses guerreiros teriam exterminado os homens Karajá adultos e, em vez de retirar-se levando ou não as mulheres para sua própria aldeia, teriam se estabelecido - pelo menos parte deles - na própria aldeia dos vencidos e tomado o lugar destes como maridos<sup>2</sup>. Convivendo com as mulheres Karajá, teriam aprendido a língua delas, mas com sotaque devido aos hábitos de sua própria língua. Digamos que sua língua original, além da ausência da consoante oclusiva velar k, tivesse a consoante oclusiva glotal ʔ, um som que não faz parte do sistema fonológico do Karajá. Uma característica forte do sotaque daqueles homens ao falar Karajá teria sido a sistemática substituição do k, a que não estavam habituados, pelo ʔ, consoante mais próxima que lhes era familiar. Essa pronúncia defeituosa dos dominadores teria sido tomada, então, por marca de masculinidade, o que teria levado à sua manutenção ao longo das gerações e, possivelmente, a sua difusão a outras comunidades de língua Karajá. Ao longo do tempo, na fala dos descendentes, a articulação da oclusiva glotal, que não integrava originalmente o sistema fonológico do Karajá, teria deixado de ser reproduzida, acarretando a atual situação, em que ao fonema k em palavras da fala feminina corresponde simples ausência desse fonema na fala masculina. A completa eliminação da oclusiva glotal no interior de palavras acarretou, então, a contigüidade entre vogais que na fala feminina estavam separadas por k e casos de modificação ou de contração dessas vogais, como nos exemplos abaixo:

<sup>2</sup> Essa hipótese tem alguma analogia com o que aconteceu com os Karíb insulares ou Garífuna, cuja língua é da família Aruák, mas cuja fala masculina é fortemente Karíb no seu léxico (v. Renault-Lescure 1999).

	Fala feminina	Fala masculina
<i>milho</i>	maki	mai
<i>buraco</i>	haloko	haloo
<i>pena</i>	kɔlɔkuda	ɔlɔda
<i>canoa</i>	hawəkɔ	hawɔ
<i>rio</i>	beraku	bero

Nos últimos anos o povo Karajá tem tido como vizinhos mais próximos, além dos «brancos», os Tapirapé, os Xavánte, os Kayapó (Meibengokre) e remanescentes dos Avá-Canoeiro. Os Avá-Canoeiro, que falam uma língua da família Tupí-Guaraní, foram destroçados pelos «brancos» ao longo dos dois últimos séculos e não se tem notícia de que hajam estado em confronto maior com os Karajá. Os Tapirapé, entretanto, mais os Kayapó e os Xavánte, são tidos pelos Karajá como tendo sido seus grandes adversários.<sup>3</sup> Mas a língua dos Tapirapé, que tanto quanto a dos Avá-Canoeiro pertence à família Tupí-Guaraní, possui a consoante *k* e, assim, não poderia explicar a ausência do *k* na modalidade masculina da língua Karajá. O mesmo se dá com a língua dos Kayapó, pertencente ao ramo setentrional da família Jê, a qual também tem um fonema *k*. Já a língua dos Xavánte, ao contrário, é uma candidata viável à responsabilidade pelo que se deu em Karajá. Trata-se de um membro do ramo central da família Jê, com a particularidade única nessa família e nesse ramo e muito incomum entre as línguas em geral, de não ter um fonema oclusivo velar, o som *k*, mas tendo um fonema oclusivo glotal (McLeod 1974, Hall, McLeod e Mitchell 1987, Lachnitt 1987, 1988). Os Jê centrais (Xavánte, Xerénte, Xakriabá, Akroá) viviam antigamente na região de campos cerrados ao sul do Piauí e do Maranhão, no noroeste da Bahia e norte de Goiás (hoje Tocantins). Com a penetração dos «brancos» nessa região, entraram em conflito com estes e, no decorrer dos séculos XVIII e XIX, foram em grande parte dizimados, mas em parte se deslocaram em direção sul e sudoeste. Hoje os Akroá não existem mais, os Xakriabá subsistem no noroeste de Minas Gerais, os remanescentes dos Xerénte estão na margem direita do médio rio Tocantins, poucos quilômetros ao norte da cidade de Palma, e os Xavante situam-se a oeste do rio Araguaia, em Mato Grosso. Para atingir essa nova região tiveram estes de confrontar-se com os Karajá, cujo hábitat era e ainda é o vale do Araguaia.

Para a hipótese colocada acima, de um cruzamento de guerreiros de uma língua sem sons velares com mulheres Karajá, os Xavánte seriam, portanto, os mais prováveis responsáveis pela diferenciação entre as falas masculina e feminina dos Karajá atuais.

Como a invasão e travessia do território Karajá pelos Xavánte deve ter começado no século XVIII<sup>4</sup>, essa diferenciação não pode ser muito antiga, tendo no máximo uns 250 anos. Há, entretanto, uma questão importante a considerar, da qual dependeria a datação de um acontecimento como o que foi imaginado. Infelizmente não há nenhum documento sobre a língua Karajá, nem sobre a língua Xavánte produzido no século XVIII (ou antes). A

<sup>3</sup> «... a diferença de destino escatológico entre o guerreiro karajá e seu homólogo inimigo: o espírito do primeiro caía geralmente na categoria dos uni maléficos; o espírito do segundo (tapirapé, xavante, kayapó) era considerado como um protetor de seu dono e da comunidade em geral.» (Petesch 1993:369).

<sup>4</sup> No mais antigo mapa da região, o de F. Tosi Colombina, de 1751 (*apud* Chaim, 1983:39), o “Sertão do gentio xavante” se estendia a leste e nordeste da Ilha do Bananal.

primeira lista de palavras da língua de um povo apelidado de «Chavantes» na Província de Goiás foi anotada por Pohl em 1819 (Pohl [1837]1951) e uma outra, sob o mesmo nome, foi registrada por Castelnau em 1844; nesse mesmo ano Castelnau anotou também a primeira lista de palavras da língua dos Karajá (Castelnau 1851). A lista Karajá de Castelnau provém claramente da fala masculina, já então como a de hoje e, portanto, diferente da feminina, como se pode ver nas seguintes palavras, pronunciadas sem as consoantes que sabemos existir na fala feminina (cf. os exemplos correspondentes acima):

<i>canoa</i>	awo
<i>rio</i>	bero
<i>meu filho</i>	wadiaurai (isto é, [wadiore])

É certo, pois, que em 1844 já existia a diferença entre as falas masculina e feminina na língua Karajá. Entretanto, as duas primeiras listas de palavras publicadas sob o nome «Chavantes» são de uma língua que conservava os fonemas velares, como se pode ver nas seguintes palavras:

	Chavante de Pohl	Chavante de Castelnau	Xavánte atual
<i>terra</i>	tika	teia (por teca)	tiʔa
<i>arco</i>	comunika		ʔumʔiʔã
<i>faca</i>	schinkasche	sinkejai	tsibʔedzɛ
<i>canoa</i>		coubacré	ʔubaʔre
<i>fogo</i>	kusché		ʔudzə
<i>macaco</i>		crocoré	ʔroʔore
<i>anta</i>	kuhude		ʔuhədə
<i>galinha</i>	schika		tsiʔa
<i>banana</i>		baco	paʔo

Como se vê, a língua dos Chavantes que Pohl e Castelnau encontraram há mais de um século e meio na Província de Goiás não tinha substituído os sons velares pela oclusiva glotal. Nesse particular essa língua se apresentava como o atual Xerénte, a outra língua Jê central sobrevivente e que ainda se situa junto ao rio Tocantins. A fonologia do Xerénte de hoje (Matos 1973) diverge em vários aspectos daquilo que foi registrado em 1844 sob o nome de Cherentes (Castelnau 1851), mas não quanto ao fonema k, que não se modificou e que corresponde ao k dos Chavantes de Pohl e Castelnau e à oclusiva glotal do Xavánte de hoje. Veja-se como foram registradas em 1844 e como são hoje em Xerénte algumas das palavras acima:

	Cherente de 1844	Xerénte atual
<i>terra</i>		tka
<i>canoa</i>	couba	kuba
<i>fogo</i>	coujeu	kuzə
<i>macaco</i>	cro	krɔ
<i>anta</i>	coudieu	kdə

Se o Xavánte atual for a continuação histórica da língua documentada por Pohl e Castelnau sob o nome de Chavantes na primeira metade do século XIX, a mudança das velares em glotais só poderia ter ocorrido nessa língua posteriormente a 1844. Isso eliminaria a possibilidade de o Xavánte ser responsável pela mudança ocorrida na fala masculina do Karajá, pois esta já não tinha mais as oclusivas velares quando de sua primeira documentação naquele ano de 1844. Entretanto, sendo rara a ocorrência de línguas sem os sons velares e não sendo conhecida nenhuma outra em condições geográficas e históricas de interagir com o Karajá, não se pode deixar de pensar numa hipótese complementar: a língua Xavánte atual não seria a continuação histórica da que foi documentada por Pohl e Castelnau, mas seria a continuação de uma outra língua Jê central, de um povo que também veio a ser chamado «Chavantes»<sup>5</sup>, a qual já teria mudado seus sons velares em glotais antes de 1819, porém não foi documentada antes do século XX<sup>6</sup>. Falantes desta outra língua Jê central é que teriam atravessado o território Karajá no vale do Araguaia, teriam causado a mudança na fala masculina dos Karajá e seriam os antepassados dos atuais Xavánte Aʔwẽ.?

Embora o nome dos índios Crixás, referido em documentos do século XVIII, tenha sido considerado simplesmente um nome alternativo para os Xavante-Akwẽ (v. nota 4), é provável que tenha sido o nome dos verdadeiros antepassados dos atuais Xavante Aʔwẽ, em contraste com os outros Chavantes da época, pois é esse o nome que não só os Karajá, mas também os Tapirapé usam em suas respectivas línguas para designar os atuais (em Karajá *kriθa* ou *kiriθa*<sup>7</sup>, em Tapirapé *kiritfã*<sup>8</sup>). É bem possível, portanto, que no século XVIII o nome Crixás ou Crichás (Krixá) nos documentos portugueses fosse dado aos antepassados dos atuais Xavante, um povo aparentado, mas distinto dos que naquela época foram chamados de Chavantes (Xavante) e cuja língua (ou dialeto) já se distinguiria por ter mudado as consoantes oclusivas velares no som oclusivo glotal, que até hoje caracteriza a fala de seus descendentes e que teria causado a principal característica da fala masculina entre os Karajá.

<sup>5</sup> O nome «Chavante» ou «Xavánte», como é bem sabido, teve um uso pouco específico, tendo sido aplicado a povos distintos, sobretudo se muito próximos culturalmente. «The term Shavante has been applied in several senses, ... There has been further confusion because the Shavante-Akwẽ have been also called Crixá (or Curixá), Puxití, and Tapacuí, so that these synonyms appear as names of separate tribes. On the other hand, several unrelated tribes have been confounded with the Shavante proper, ...» (Lowie 1946:478). «[The name] Shavante was applied indiscriminately to a number of tribes on the savannahs of the interior» (Maybury-Lewis 1974:2). O nome foi aplicado também aos Ofayé entre os rios Verde e Ivinheima, afluentes direitos do alto Paraná, em Mato Grosso do Sul, e aos Otí, que viveram entre os rios do Peixe e Paranapanema, no Estado de São Paulo (cf. Nimuendajú 1980 [1944]).

<sup>6</sup> Parece que foi Curt Nimuendajú o primeiro documentador da língua Xavánte atual, provavelmente no início da década de 1930, pois há menção a um vocabulário manuscrito de sua autoria, com cópia no arquivo de Č. Loukotka em Praga (Loukotka 1968:80). Pode ser que haja outra cópia no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Segundo Eduardo R. Ribeiro (com. pessoal) a forma dissilábica é a usada pelos Karajá do Sul e do Norte, ao passo que a forma trissilábica é a que usam os Javaé e os Xambioá. Essas formas são usadas tanto por mulheres como por homens, mas entre os Karajá há homens que usam também *əriθa* e entre os outros há os que usam *iriθa*, com omissão do *k*.

<sup>8</sup> Informação pessoal do professor Wāriñiãʔi ou Agnaldo Tapirapé.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BORGES, M. V. (1997). *As falas feminina e masculina no Karajá*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Dissertação de Mestrado
- BRETON, R. (1999) [1665]. *Dictionnaire Caraïbe-Français*. Nouvelle édition sous la responsabilité de Marina Besada Paisa. Paris: Karthala/IRD.
- CHAIM, M. M. (1983). *Aldeamentos indígenas (Goiás 1749-1811)*. 2ª. edição. São Paulo: Nobel.
- HALL, J., R. A. McLeod e V. Mitchell (1987). *Pequeno dicionário Xavante-Português, Português-Xavante*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- LACHNITT, G. (1987). *Romnhitsi'ubumro A'uwe mre-me-Waradzu mre-me, dicionário Xavante-Português*. Edição experimental. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Damreme'uwaimramidzé: estudos sistemáticos e comparativos de gramática Xavante*. Ed. experimental. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso.
- LOWIE, R.H. (1946). The Northwestern and Central Ge. *Handbook of South American Indians* (org. por J. H. Steward) 1:477-517. (Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143.) Washington: Government Printing Office.
- MATOS, R. de. (1973). Fonêmica Xerente. *Série Lingüística 1* (org. por L. I. Bridgeman). Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- MAYBURY-LEWIS, D. (1974) [1967]. *Akwẽ-Shavante Society*. New York: Oxford University Press.
- McLEOD, R. (1974). Fonemas Xavante. *Série Lingüística 3* (org. por L. I. Bridgeman). Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- NIMUENDAJÚ, C. (1980). *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- PETESCH, N. (1993). A trilogia Karajá: sua posição intermediária no continuum Jê-Tupi. *Amazônia: Etnologia e História Indígena* (org. por E. V. de Castro e M. C. da Cunha), pp. 365-382. São Paulo: NHII/USP e FAPESP.
- POHL, J. E. (1951) [1832]. *Viagem no interior do Brasil*. Trad. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- RENAULT-LESCURE, O. (1999). Le caraïbe insulaire, langue arawak: un imbroglio linguistique. In: Breton 1999, pp. XLVII-LXVII.
- RODRIGUES, A. D. (1999). Macro-Jê. *The Amazonian languages* (org. por R. M. W. Dixon e A. Y. Aikhenvald), pp. 162-206. Cambridge: Cambridge University Press.